

Arte-Educação e o deficiente auditivo

Annabella de A. Magalhães*

"Toda fala e ação vêm de dentro do eterno silêncio"
Sri Aurobindo

I — Arte e Educação

"Por que motivo as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos do viver — estado de pureza da mente, em suma?"

Pergunta—nos Carlos Drummond de Andrade em seu artigo — A Educação do Ser Poético.(1) O poeta continua indagando "se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida?... A Escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo."

A sensibilidade desta observação de um artista preocupado com os rumos da educação, com a formação do ser humano mais pleno e feliz nos mostra como arte e educação se interrelacionam intimamente, quando entendemos educação como algo ligado à vida em toda a sua plenitude, beleza, desafios, mudanças, renascimentos, etc. e a arte como um caminho de evolução, de despertar do ser humano, de unidade consigo mesmo para conhecer-se, assumir-se. No dizer de Herbert Read, ver a "arte como um processo educacional, um processo de crescimento e educação como um processo artístico, um processo de autocriação".(2) A reflexão do poeta vem ao encontro do que nos propõe a filosofia da educação através da arte.

Muitos estudiosos, pesquisadores, filósofos e artistas, afirmam que a arte é a manifestação mais pura de liberdade, pois nasce num clima onde não há opres-

são. Ela nasce em regiões profundas e superiores do ser humano, onde a ação surge como criação, na fonte de autenticidade e de amor.

Através da arte, o homem pode contatar essa fonte, fazer um "mergulho" para dentro de si mesmo e se recarregar dessa energia vital que impulsiona toda a criação cósmica. E, nesse "mergulho", ele reencontra-se, descobre-se, recria-se.

Tanto o artista criador, quanto o apreciador de arte, embebem-se dessa energia, há uma troca, um enriquecimento mútuo.

De forma análoga, esclarece-nos Augusto Rodrigues: "poderíamos dizer que também a educação só se realiza quando consegue atingir nosso núcleo interior, tal como o ar que inspiramos quando atinge a membrana dos pulmões".(3) O contato com a experiência artística, trabalhando sentimentos e emoções, desenvolvendo a capacidade de julgar e discernir, permitindo esse encontro do homem com o seu núcleo interior, despertando espontaneamente a consciência de si mesmo, torna-se altamente educativo para o ser humano.

O papel do educador torna-se então fundamental, pois ao possibilitar à criança oportunidades desse encontro consigo mesma através do ato criador, envolve-se, ele também, no processo arte-educativo, recriando-se através do seu trabalho.

João Francisco Duarte Junior, professor e psicólogo, expondo o carácter educativo da arte, cita, ainda, três fatores envolvidos na atividade artística da criança: "a organização de suas experiências, a autocompreensão e o relacionamento com outros por meio de seu trabalho. Esses fatores são fundamentais para o estabelecimento de quaisquer programas educacionais".(4) Ele ainda nos diz:

"Não se pode encarar a arte infantil sob o prisma da estética, ou seja, do ponto de vista da produção de objetos belos e harmoniosos. Antes, é preciso considerar o produto em relação ao caminho percorrido na sua elaboração, em relação à ativi-

*Annabella de Araújo Magalhães é professora da E. A. do INES e arte-educadora especializada em deficientes auditivos.

dade significativa e expressiva que lhe deu origem".(4)

Desde Platão na antigüidade e Schiller, poeta alemão, já no século XVIII, as possibilidades educativas da arte têm inspirado filósofos, artistas e pedagogos, que vêm no decorrer dos séculos enriquecendo e aprofundando esta idéia. Leon Tolstoi, Corrado Ricci, W. Morris, Tchenychevski, Dalcroze, Celestin Freinet, John Ruskin, Franz Cizek, John Dewey, são alguns entre tantos renomados teóricos e práticos da educação através da arte. Movimentos como "L'Education Nouvelle", enfatizando "a relação que existe entre o desenvolvimento harmonioso do homem e o exercício espontâneo de suas faculdades criativas"(5) e a Bahaus, dando enfoque, entre outras propostas, ao papel do professor dentro do processo arte-educativo — o professor como um trabalhador criativo.

Nos anos 40, esta filosofia foi definitivamente solidificada com a proposta de Herbert Read, apresentada em seu livro básico "Education through Art" (Educação através da Arte), obra fundamental aos interessados em educação. Filósofo, artista, grande interessado em educação, preocupado com o destino do homem num mundo cada vez mais robotizado, agressivo e alienado, Read estruturou seu tratado a partir das idéias de Platão, Schiller e da psicologia Junguiana, entre outros. Até hoje sua proposta tem uma força renovadora no processo educacional, o que ele nos demonstra no texto que se segue:

"Num programa de educação não bastará ensinar a conhecer o mundo exterior. Terá de ser tomada seriamente em consideração a função imaginativa. Somente a imaginação é capaz de dar forma às sensações internas, às emoções, aos sentimentos. Somente a imaginação pode fazer de fantasias vagas e de imagens imprecisas oriundas do inconsciente dados objetivos. O mundo inconsciente terá de ser observado com cuidado pelo educador. Existe no interior da psique da criança, tanto quanto na do adulto, um processo psíquico, que se desenvolve abaixo do nível da consciência e cuja atividade tende a organizar harmoniosamente os esboços das imagens que tomam forma no inconsciente. Ele afirma que o equilíbrio psíquico só se torna possível quando este processo inconsciente encontra condições para desdobrar-se, isto é, quando são permitidas e estimuladas as diversas modalidades da função

imaginativa — elaboração espontânea da fantasia, expressão criadora em cor, linha, sons e palavras".(6)

Foi Read o grande influenciador e inspirador do mais forte movimento de arte-educação no Brasil — a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), fundada pelo artista plástico Augusto Rodrigues, em 1948, no Rio de Janeiro e recebida com grande interesse por artistas e educadores como Anísio Teixeira, Helena Antipoff, Paulo Freire, entre outros. A Escolinha organizou classes para crianças, adolescentes e adultos, tornou-se centro de formação de professores de arte, estimulando a criação de Escolinhas de Arte em vários estados do Brasil e também na Argentina, Paraguai e Portugal, influenciando a escola primária e secundária oficial, chegando a exercer funções de consultoria em arte-educação para o sistema escolar público, sobretudo no Rio de Janeiro. Além disso, teve repercussão internacional — América Latina, América do Norte e Europa.

Até o advento da Escolinha de Arte do Brasil várias tentativas foram feitas no Brasil, no sentido de chamar a atenção para a importância da arte na educação. Segundo a arte-educadora Ana Mae Barbosa "a primeira grande renovação metodológica no campo da arte-educação se deve ao Movimento Semana de Arte Moderna de 1922. No Brasil, como já havia acontecido na Áustria com Franz Cizek, o interesse pelas teorias expressionistas e os escritos de Freud, levou à valorização da arte infantil. Mário de Andrade e Anita Malfati foram os introdutores das idéias de livre-expressão para a criança. Anita Malfati, orientando classes para jovens e crianças e, Mário de Andrade, escrevendo artigos sobre a expressão infantil e introduzindo no seu curso de História da Arte na Universidade do Rio de Janeiro estudos sobre a arte da criança".(7)

Nos anos 30, as idéias de Dewey, Claparède e Decroly, afirmando a importância da arte na educação influenciaram o sistema educacional.

Nos anos 60, as teorias e métodos de Paulo Freire e as atividades da Universidade de Brasília tentaram construir e adotar modelos autóctones de educação e arte-educação

A lei 5692/71 tornou obrigatório o ensino de Educação Artística no 1º grau e em alguns cursos do 2º grau.

Vários Encontros, Congressos e Seminários de Arte-Educação nacionais e internacionais vêm acontecendo, trazendo esperanças no sentido de fazer com que educadores e pedagogos reflitam sobre arte-educação.

II — Arte-Educação e o deficiente auditivo

Também na área da Educação Especial, não se pode deixar de destacar a experiência da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), que na sua linha de ação pedagógica, além do reconhecimento da arte infantil, foi pioneira quanto à integração de artistas no processo educacional e também de pessoas deficientes entre seus alunos.

Assim, deficientes auditivos para lá foram encaminhados pela professora Ivete Vasconcelos e outros educadores, ou para lá iam espontaneamente. Frequentavam classes junto às crianças e adolescentes ouvintes e, também, no atelier de gravura, desde quando foi orientado pelo artista Osvaldo Goeldi. Alguns casos foram acompanhados até a idade adulta por artistas como Poti, Vera Tormenta, Laís Aderne, entre outros.

Dedicada à educação do deficiente da audição, a prof. Ivete Vasconcelos, com sua experiência e estudos, conceituada no Brasil e no exterior sempre valorizou as atividades artísticas no processo educacional da criança surda, tendo, em 1943, integrado a equipe da EAB. Ela muito questionou as dificuldades de comunicação criadas pela surdez mesmo nas crianças oralizadas. Segundo ela:

“A arte como forma de expressão e de comunicação é também muito importante para a educação da criança surda, constituindo-se num recurso maravilhoso para transmitir os sentimentos e as emoções. Ela pode traduzir muitas vezes o que nem sempre a linguagem pode fazer. Quando a palavra comum não basta e o pensamento é ainda impreciso, a arte é um meio de comunicação. Por isso, para as crianças surdas, em todas as fases de sua educação, a arte tem uma importância vital”.(8)

A Prof.ª Ivete Vasconcelos fundou a Escola Santa Cecília, para surdos, em 1957, em cuja metodologia se incluíam atividades artísticas, revitalizadas por ciclos de palestras para as quais colaboravam Augusto Rodrigues, Noêmia Varela e Olívia Pereira entre outros educadores.

Também no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o interesse pela importância da arte em educação sempre esteve presente.

Em 1953 a Prof.ª Nancy Teixeira Godoy criou o Curso de Artes Plásticas com o objetivo de estimular e orientar os alunos com aptidões e talento artístico. Entre seus professores estavam artistas plásticos premiados

e conceituados no meio artístico como a própria Nancy Godoy, Bustamante Sá, Lídio Bandeira de Mello, Manoel José Mattos, Elza Dias, Mário Toledo, Maria Celeste Monerat, entre outros que orientavam as aulas de Modelagem, Pintura, Desenho, Arte Decorativa e demais atividades da área artística.

Em 1958 foi criada a Escolinha de Arte do INES (EAI). Segundo depoimento da Prof.ª Noêmia Varela, então diretora da Escolinha de Arte do Brasil, o interesse pela arte-educação e particularmente no processo educacional do surdo, levou alguns professores do INES à Escolinha de Arte do Brasil — Nancy Godoy, Mário Toledo, Bustamante Sá, Leda Salgado Goes entre outros interessados.

Na EAI, a Prof.ª Nancy Godoy marcou sua linha de trabalho também com idéias e procedimentos característicos da experiência de Arno Stern, artista que em Paris fundou a “Academie de Jeudi” — núcleo de arte infantil, tendo publicado vários livros sobre arte-educação que tiveram penetração no Brasil.

Outra importante passagem pelo INES foi da artista plástica Lygia Clark.

Alguns alunos, tanto do Curso de Artes Plásticas quanto da Escolinha de Arte, se destacaram e até se profissionalizaram como por exemplo:

Aígo — cenógrafo da extinta TV Excelcior

Walter Lima — pintor (Feira da Praça General Osório)
Edson Santana — desenhista do Ministério da Agricultura da Bahia

João Rigo (Getulinho) — medalha de bronze como escultor

Angelo de Oliveira Pereira — pintor, entalhador e escultor com várias exposições e prêmios.

Assim, iniciou-se no INES um trabalho em que se buscavam caminhos dentro da educação através da Arte.

Em 1980 a Prof.ª Néa Costa Demarco, ex-aluna do Prof. Bustamante, ocupou a coordenação do Setor Escolinha de Arte, substituída em 1984, depois que se aposentou, pela Prof.ª Terezinha Costa de Freitas. Neste período o INES, através da Escolinha, participou de vários eventos e exposições.

III — A nossa experiência na Escola de Arte do INES

Nós, arte-educadores, que atualmente atuamos na Escolinha de Arte do INES (EAI), podemos ver após 4 anos de trabalho o sentido de nossa atuação: reconstruir a própria Escolinha, dar condições para a retomada de um processo que estava minimizado em sua função integradora no todo da educação do deficiente auditivo, reerguer a memória da Escolinha de Arte do

INES e dessa forma revitalizar o movimento da arte-educação.

Desenvolvemos as nossas atividades através de unidades básicas selecionadas de forma a oferecer aos nossos alunos vivências as mais variadas como passeios, filmes, estórias, visitas a museus, jogos, dramatizações, brincadeiras, etc. para depois então fazermos a nossa proposta de trabalho, respeitando a aceitação ou não por parte das crianças e permitindo que elas desenvolvam e orientem a atividade de seu interesse, dentro de seu próprio ritmo — destruindo, criando, transformando, dando-lhe a oportunidade de investigar, descobrir, conscientizar-se, expandir-se. Procuramos observar, apoiar e dar condições de trabalho para a criança, conduzindo-a ao enriquecimento de suas descobertas, aproveitando as oportunidades para a formação de hábitos para o trabalho criador, especialmente quanto ao convívio em grupo, para a utilização e preservação de materiais e vivência de trabalho livre, dando reforço à linguagem e formação de conceitos.

Na Escolinha, atendemos a crianças na faixa etária de 7 a 12 anos que freqüentam as classes de alfabetização e 1ª série e algumas da 2ª série, em duas aulas semanais. Isto nos levou a um entrosamento com o núcleo comum de atividades sem, no entanto, nenhuma relação fixa ou restrita com o currículo.

Apesar de trabalharmos prioritariamente as artes plásticas por ser a nossa formação centrada nesta área, procuramos também proporcionar atividades nas quais a expressão corporal possa ser trabalhada e atividades lúdico-criativas onde sons se façam presentes.

Segundo Pavlov, "o pensamento está encoberto por três roupagens. A primeira é a mais modesta, mas ao mesmo tempo mais próxima da verdade: o movimento. A segunda, a intermediária, é mais ornamentada, consiste em sinais escritos, sinais gráficos. Finalmente, a terceira é a mais suntuosa, mas também a mais superficial é a cobertura de sinais verbais, o simbolismo da palavra, separada da expressão imediata do pensamento pelas duas anteriores." (9)

O conhecimento e exploração do corpo através da dramatização espontânea, da dança, da expressão corporal permite à criança, especialmente ao deficiente auditivo, perceber o espaço a sua volta, seu relacionamento com as pessoas, animais e natureza, a conscientizar-se de todo um potencial interno. As mãos, como intermediárias entre a mente, o físico e as emoções, extravasando símbolos do inconsciente, são fundamentais no processo educacional da criança surda, na sua comunicação, na sua linguagem sinalizada.

Através da expressão plástica — do desenho, da pintura, da modelagem, da construção tridimensional

—, o deficiente auditivo "fala", "grita", mostra-se, revela o seu mundo. São atividades não verbais em contato direto com as emoções, os sentimentos, o intelecto, trazendo à tona o que a palavra não pode traduzir.

Entre as nossas Unidades, destacamos a realizada em agosto/88 tendo como tema, Folclore. Trabalhamos o Bumba-Meu-Boi. Passamos o filme sobre a dança, contamos a estória, conversamos sobre os seus personagens. As crianças prepararam o boi — pintaram-no, enfeitaram-no, fizeram as roupagens dos personagens, os instrumentos. Dramatizaram na Escolinha e depois no pátio do INES para os demais colegas e todos brincaram com o boi. Utilizamos muito, nos lançamentos e desenvolvimento de nossas unidades, a estória, apresentada de várias maneiras — cineminha de caixa de sapato, slides, livros, retroprojeter, etc. As crianças logo após, recorriam-na ou criam a sua estória e contam-na para os colegas. Este recurso é muito apreciado e desperta grande interesse por parte deles.

Na nossa caminhada, ainda iniciante, nos defrontamos com dificuldades e desânimos, com muitos questionamentos e conquistas; e, assim, vamos descobrindo o deficiente auditivo descobrindo-nos, buscando nos acertos uma luz para o nosso trabalho e tirando lições dos obstáculos que surgem. Para isso muito contribuem as nossas reuniões semanais de planejamento e avaliação do trabalho e as nossas auto-avaliações semestrais, aprofundando o nosso relacionamento enquanto grupo e a nossa visão de arte-educadores. Também a ficha de observação de cada aluno é fundamental para o registro do seu desenvolvimento e para passarmos nossas observações aos colegas nos conselhos de classe.

Observamos o quanto vamos crescendo em trabalho e autoconfiança quando percebemos a grande aceitação da Escolinha pelas crianças do INES e notamos o quanto elas demonstram se sentirem acolhidas no nosso espaço. Está nos nossos planos a ampliação deste atendimento aos demais alunos, adolescentes e adultos, com aptidões artísticas.

Desde 1985 vários professores têm colaborado para este processo de reconstrução da EAI. As coordenadoras, professoras Leda Salgado Goes, Eloísa Sílvia de Souza, Carmem Silvia N. Dias Quintieri, as professoras Cláudia Missagia, Apolônia Maria Nuemberg Borges, que deram sua contribuição durante algum tempo, e mais os professores: Maria Helena Nora Dias, Annabella Magalhães, Kátia Bragança Jordão e José Maria Domingues.

O reconhecimento por parte de educadores, filósofos, psicólogos, sociólogos e artistas, da importância da arte para o desenvolvimento intelectual, emocional

e social do ser humano — por ser uma das mais altas formas de expressão e comunicação, pelo seu carácter autodisciplinador e pela sua universalidade, como elemento de união entre os homens — é um sinal de orientação a guiar os que se propõem a educar verdadeiramente, educar para a vida, para assumi-la, vivê-la, ou seja, arte-educar. Como diz Benedito Nunes, professor e filósofo, em seu ensaio "Educação Artística e Filosofia da Arte":

"A confiança que se deposita na arte pertence ao gênero dos atos esperançosos. A educação artística encerra uma nova *esperança em educação*, como um fermento de reativação da cultura da época e é um chamamento *utópico*, na acepção forte desta palavra, a um outro humanismo cheio de modéstia, que não pretende ensinar-nos senão aquilo que devemos reaprender com os versos de Holderlin, *a habitar poeticamente a Terra.*" (10)

Citações

1. ANDRADE, CARLOS DRUMMOND de — "A educação do ser poético". In *Arte e Educação*. Rio de Janeiro, Escolinha de Arte do Brasil/SOBREARTE, 1974, Ano 3, nº 15.
2. READ, HERBERT — *A redenção do robô/Meu encontro com a educação através da arte*. São Paulo. Summus Editorial, 1986.
3. RODRIGUES, AUGUSTO in ANDRÉS, MARIA HELENA — *Os caminhos da Arte*. Petrópolis/RJ.
4. DUARTE JUNIOR, JOÃO FRANCISCO — *Fundamentos estéticos da Educação*. Uberlândia-MG, Cortez Editora (Universidade Federal de Uberlândia), 1981
5. WOJNAR, IRENA — L'art e l'éducation. In *Image et communication* — Journées artistiques.
6. SILVEIRA, NISE da — A concepção educacional de Herbert Read. In *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 1973.
7. MEC/INEP — *Escolinha de Arte do Brasil*. Brasília, 1980 (coordenação Augusto Rodrigues)
8. VASCONCELOS, IVETE — "Novos aspectos do ensino da linguagem à criança surda". In *Documenta CEIV* (Centro de Estudos Ivete Vasconcelos). Rio de Janeiro, 1982.
9. PAVLOV in ANDRÉS, MARIA HELENA — *Os caminhos da arte*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes Ltda., 1977.
10. NUNES, BENEDITO — *Educação artística e filosofia da arte*. Rio de Janeiro. Funarte/Escolinha de Arte do Brasil, 1976.

Bibliografia

- BARBOSA, ANA MAE — *Arte-educação: conflitos e acertos*. São Paulo, Editora Max Liminad, 1984.
- FISCCHER, ERNST — *A necessidade da arte*. São Paulo, Zahar Editores, 1959.
- JUNG, CARL GUSTAV — O simbolismo nas artes plásticas in *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1977.

- LOWENFELD, VIKTOR — Cap. XII: Aspectos terapêuticos de la educación artística. Los procesos de creation y los niños deficientes, in *Desarrollo de la capacidad creadora*. Buenos Aires, 1961.
- MAGALHÃES, ANNABELLA de ARAUJO — Monografia Arte-Educação e o deficiente auditivo. 1988
- QUADRO HISTÓRICO DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS — Acervo INES
- DEPOIMENTOS DE ANTIGOS PROFESSORES DO INES.